
ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARLI ANDRÉ

1ª pergunta:

Conforme é apresentado pela CAPES, o PIBID é *um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento de formação de docentes para a educação básica*. Considerando-se a articulação entre teoria e prática, em que esse Programa se assemelha e se diferencia dos estágios supervisionados contemplados nos cursos de formação docente?

Tanto o PIBID quanto o estágio se apoiam em uma perspectiva de aproximação entre universidade e escola e objetivam articular as dimensões teórica e prática da formação. Esse seria o ponto comum entre eles. Quanto as distinções, podemos apontar algumas: o estágio é um componente curricular obrigatório na formação, presente em todas as licenciaturas e desenvolvido por todos os licenciandos, enquanto o PIBID é uma política pública, expressa em um programa de fomento, que embora abrangente, não inclui todos os alunos e instituições formadoras do país. As condições para o desenvolvimento dos trabalhos dos licenciandos também são diferentes nos dois processos formativos: os pibidianos recebem bolsa e são acompanhados de perto por um professor da escola pública, que atua em conjunto com o professor universitário. Ambos recebem bolsa do governo federal. Por sua vez, o estagiário conta com a orientação de um professor da universidade, que não recebe bolsa, nem condições especiais para acompanhamento do licenciando e raramente consegue constituir uma parceria com o professor da escola.

Quanto aos resultados das duas práticas formativas, há diferenças apontadas pelas pesquisas, por exemplo Lüdke (2013), que desenvolveu pesquisa sobre o tema e orientou vários trabalhos científicos sobre o estágio, destaca que essas pesquisas detectaram alguns problemas, como a redução do estágio à mera observação, o distanciamento entre o professor da universidade e o professor que recebe o estagiário em sua sala, o qual não se percebe como coformador, e ainda que falta apoio da universidade ao professor da licenciatura, para um acompanhamento bem próximo das atividades do licenciando. As pesquisas sobre o PIBID têm apontado resultados mais positivos, em especial um amplo estudo realizado por Gatti et al. (2014), abrangendo cerca de vinte mil respondentes, bolsistas de todos os estados do país, que considerando depoimentos de licenciandos, supervisores das escolas e coordenadores da universidade, evidencia opiniões muito



positivas sobre o programa. Os respondentes são unânimes ao destacar as contribuições do programa para a formação profissional dos licenciandos, para a qualidade do trabalho nas escolas públicas e para o fortalecimento e valorização das licenciaturas.

O estudo de Gatti et. Al. (2014) também mostra diferenças entre o estágio e o Pibid. Um dos licenciandos enfatiza a participação ativa na escola como um diferencial:

“Visto que os estágios realizados através do curso de licenciatura são de observação, o Pibid é um diferencial na formação dos licenciandos, proporcionando uma participação ativa na prática docente.” (Biologia – SE)

Uma licencianda do curso de História, que vive concomitantemente as duas experiências, revela sua visão frente aos dois processos formativos:

“O Pibid é uma ótima oportunidade de inserção dos graduandos em licenciatura plena nas escolas, antes do estágio final. Eu estou vivendo essas duas experiências e posso afirmar que estou me sentindo um pouco desmotivada no estágio da graduação, porém, o projeto Pibid 'me traz outro gás', no qual me sinto motivada em trabalhar com os alunos de uma escola periférica de meu município.” (História – S)

Concluindo, pode-se dizer que o Pibid sinaliza pontos importantes que deveriam ser incorporados aos estágios, como a participação ativa dos licenciandos nas escolas, com acompanhamento próximo de um mentor -professor experiente da escola- e do professor da universidade e estabelecimento de uma verdadeira parceria entre universidade e escola.

2ª Pergunta:

Que impactos o PIBID provoca/provocou nas escolas onde há projetos em desenvolvimento ou já concluídos?

Na avaliação abrangente que fizemos junto aos participantes do PIBID (GATTI et al. 2014), encontramos depoimentos que destacam como contribuições para a escola: atividades dinâmicas e ideias novas trazidas pelos bolsistas à escola que fizeram com que os professores repensassem suas práticas; a realização de atividades interativas e de inovações tecnológicas, pelos pibidianos, que provocavam o interesse e aumentavam a motivação das crianças e jovens; realização de atividades implementadas pelos pibidianos que aproximavam os conteúdos escolares do cotidiano dos alunos; ativação de laboratórios de ciências que não eram usados há muitos anos; reativação das bibliotecas; utilização de jogos e de tecnologias educacionais; atividades ao ar livre e fora da escola; e uso de laboratórios de informática. Alguns depoimentos mencionam ainda a diminuição da evasão nas escolas, aumento das notas, aumento no IDEB. Citamos abaixo alguns depoimentos que ilustram



as contribuições percebidas pelos participantes, como por exemplo, o licenciando do curso de matemática que evidencia benefícios para a escola e para o curso de formação inicial:

“Vejo que o Pibid tem contribuído muito para a escola em que estamos realizando este programa, pois alunos - que pelos professores não tinham interesses de aprender têm nos procurado frequentemente e as notas dos mesmos têm aumentado e eles passaram a ter uma participação ativa na sala de aula. O programa para o meu curso tem sido importantíssimo; além de termos que estudar para auxiliar os alunos, temos que preparar aulas, preparar materiais concretos e tudo isso é muito gratificante quando vemos o retorno do nosso trabalho.” (Matemática – CO)

Outro depoimento, de um professor da universidade resume muito claramente o que a experiência do PIBID pode “ensinar” para as políticas de formação:

“Esta é uma oportunidade de desenvolvimento de Identidade Profissional que jamais será esquecida. Nos leva a refletir sobre a necessidade de desenvolvermos políticas de estágios obrigatórios mais eficientes e programas de inserção do professor na carreira docente com tutoria. Faz bem para a identidade do professor em formação e para a renovação do professor que já está em atuação. E, claro, o maior beneficiado seria o aluno no seu processo de aprendizagem.”
(coordenador Sul)

3ª Pergunta:

De que forma a participação no PIBID pode repercutir na prática docente dos professores supervisores e como esses agentes contribuem para o desenvolvimento profissional dos graduandos que atuam como bolsistas?

Para responder com segurança quais as implicações do Programa nas práticas do professor da escola, precisaríamos fazer estudos aprofundados, com observação *in loco*, comparando aspectos das práticas docentes antes, durante e depois do PIBID. Como não disponho desse tipo de dado, podemos nos basear nos depoimentos dos professores supervisores das escolas para indicar as repercussões do programa em suas práticas. Eles afirmam que voltar ao ambiente acadêmico, com as reuniões e grupos de estudo na universidade, atuou com um processo de formação continuada, despertou o interesse por novas formas de ensinar e por atividades mais dinâmicas como as oficinas didáticas, viagens de estudo, desenvolvimento de projetos, uso de recursos tecnológicos.

Quanto à contribuição dos professores supervisores para o desenvolvimento profissional dos bolsistas, pode-se citar os dados da pesquisa de Campelo (2016) que, apoiada em entrevistas, análise de material produzido por bolsistas e por professores supervisores e ainda com base em observações da prática de professoras supervisoras, concluiu que o PIBID é uma oportunidade singular para a aprendizagem da docência. Além disso, a pesquisa evidenciou quais as estratégias utilizadas pelas



professoras supervisoras no acompanhamento dos bolsistas, que promoveram o desenvolvimento profissional dos licenciandos: incentivo à prática; estímulo à observação; encorajamento da autonomia; compartilhamento de experiências; promoção da reflexão; e estímulo às relações teórico-práticas.

4ª Pergunta:

Esse Programa parece estar impulsionando discussões cada vez mais fortalecidas sobre aqueles que se dedicam à docência. Nessa direção, suas investigações têm identificado um debate não apenas em prol dos pibidianos, mas de todos os licenciandos? E, assim, que contribuições para a formação [e valorização profissional] docente esse Programa tem dado às licenciaturas?

No estudo avaliativo do PIBID (GATTI et. Al., 2014) foram encontrados depoimentos tanto por parte dos professores da universidade quanto dos licenciandos, que enfatizam as contribuições do programa para a valorização da docência e dos cursos de licenciatura. Para ficar mais evidente e para comprovar essas afirmações, recorro a alguns depoimentos extraídos daquele estudo:

“A partir das discussões com os bolsistas foi encaminhada uma solicitação de reestruturação do curso, alterando a matriz curricular, inserindo disciplinas para qualificar o processo de formação”.
(Pedagogia – SC)

Observamos neste depoimento, uma implicação direta da experiência do Pibid na reformulação do curso de Pedagogia de uma IES de Santa Catarina, visando sua melhor qualificação. Encontramos ainda depoimentos de bolsistas de outros cursos, que atestam uma valorização da licenciatura além da universidade: “O curso de licenciatura em ciências biológicas ganhou muito prestígio na comunidade, pois existe uma grande repercussão, alunos comentam com pais e amigos sobre as aulas diferenciadas ministradas pelos bolsistas.” (Biologia – Sul)

Vários são os depoimentos que mencionam não só uma valorização do curso, mas também uma redução na taxa de evasão das licenciaturas:

“O programa Pibid foi responsável pela permanência dos acadêmicos no curso de licenciatura em Letras / Português em nosso Campus, uma vez que a cada semestre tínhamos evasão em números significativos no curso de Letras. Quando começamos o Pibid não houve evasão, desistência e nem tivemos matrículas trancadas. Os acadêmicos estão muito motivados com o curso de licenciatura. Registro que houve uma valorização do curso Letras / Português na concepção da comunidade acadêmica e na comunidade de forma geral”. (Letras – MG)

O depoimento de um bolsista do curso de Física, de uma IES do Rio Grande do Norte também enfatiza o efeito positivo do Pibid na redução da taxa de evasão: “O Pibid tem contribuído para que os alunos não se evadam do curso, e que criem interesse pela docência” A explicação deste bolsista é



que: "O contato com novas estratégias, o contato com a realidade da escola pública tem despertado em muitos alunos o interesse para lecionar a disciplina e se transformar em agente de mudança da escola. (Física – RN)

Ficam, assim, muito evidentes, nesses depoimentos, as contribuições do PIBID para que surja um novo olhar sobre os cursos de licenciatura, com conseqüente valorização da carreira docente.

5ª Pergunta:

Ainda que muitos trabalhos acadêmicos demonstrem os impactos positivos proporcionados pelo PIBID às licenciaturas de todo o Brasil, há dificuldades recorrentes entre coordenadores, supervisores e bolsistas? A relação entre a universidade e a escola precisa ser aprimorada em algum aspecto?

Eu não tenho conhecimento de problemas entre supervisores e bolsistas, nem mesmo entre coordenadores e supervisores. Nosso estudo avaliativo identificou apenas algumas críticas aos coordenadores da universidade. Embora poucas, essas críticas mencionavam a falta de compromisso de alguns professores universitários com a escola, demonstrando interesse maior no valor da bolsa do que na coordenação do programa e pouca transparência na distribuição dos recursos.

Quanto à relação entre universidade e escola, há ainda muitos aspectos para aperfeiçoamento, como por exemplo, da parte da escola, melhor integração do bolsista no contexto escolar e não apenas na sala de aula; possibilitar a atuação do bolsista nas atividades regulares de sala de aula e não apenas em situações de reforço escolar, atendimento a grupos restritos de alunos, ou atividades no contraturno escolar. Do ponto de vista da universidade, assegurar que os coordenadores (formadores) estejam em contato constante com a escola, o que vai requerer, apoio material da IES em termos de liberação de horas para visita às escolas, de espaço para reuniões com bolsistas e de outros recursos para um atendimento adequado aos licenciandos/bolsistas. Além disso, cabe tanto à universidade quanto à escola, estender a parceria com as secretarias de educação, que podem vir a desenvolver estratégias para valorizar a atuação do professor supervisor, aproveitar os bolsistas bem formados para inserção nas escolas públicas, propiciar melhores condições de trabalho para as escolas, criar processos avaliativos para detectar os resultados produzidos pelo programa.

Finalmente, deveria haver um compromisso maior da universidade na formação dos professores supervisores como coformadores.



6ª Pergunta:

Considerando a oportunidade de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador que o PIBID proporciona aos licenciandos, esse Programa poderá incentivar o futuro docente ao ponto de ele produzir seu material didático?

Por que é importante que o professor produza seu material didático? Formulo a pergunta diante da questão que me foi posta. Do meu ponto de vista, julgo fundamental que os professores saibam planejar, desenvolver e avaliar atividades didáticas, para isso devem saber onde buscá-las, conhecer seus propósitos e efeitos, sobretudo que saibam justificar seu uso (por quê e para quê). Se a formação propiciada pelo PIBID orienta-se para a formação de profissionais autônomos, ou seja, professores que sejam capazes de identificar o que, onde e quando buscar recursos para uma atuação competente, de modo que seus alunos se apropriem de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem uma inserção crítica e criativa na realidade, a produção de material didático próprio ou não torna-se secundária.

7ª Pergunta:

Dentre as ações deste Programa tem sido contemplada a formação do professor pesquisador? De que forma?

A preocupação do Programa é com a formação de um profissional crítico reflexivo, pesquisador de sua prática, no sentido de, juntamente com um par mais experiente (o professor supervisor) e com seus colegas, ser capaz de problematizar a prática docente e encontrar caminhos para aperfeiçoá-la. Assim, diante da situação escolar em que está inserido, o futuro professor vai ser orientado a observar e a analisar a situação observada, em suas múltiplas dimensões; aprenderá a fazer registros das situações observadas, para que estudá-las e, assim, planejar ações voltadas aos problemas concretos da prática escolar, com o objetivo de mobilizar os alunos a querer aprender. Além disso, o pibidiano aprende a sistematizar seu trabalho em relatos, que são compartilhados com seus professores orientadores (da universidade e da escola) e com colegas, em situações mais restritas-como grupos de estudo- ou mais amplas, como em eventos científicos. Essas várias aprendizagens constituem o professor pesquisador.

8ª pergunta:

Considerando os resultados de suas pesquisas sobre PIBID, que papel esse Programa desempenha, de fato, no âmbito das políticas públicas para educação?



Reportando-me novamente aos dados do nosso estudo avaliativo (GATTI et AL. 2014), indico as principais implicações para as políticas públicas:

- O Programa contribui para a valorização da profissão de professor. São inúmeros os depoimentos que revelam mudança de postura dos licenciandos em termos da opção pela docência. Muitos bolsistas afirmam que o mergulho na realidade cotidiana da escola os ajudou a decidir se desejam ou não permanecer na docência. E a grande maioria confirma seu compromisso com a profissão docente. Se o Programa possibilita a alguns decidir que a docência não é sua opção profissional, estará igualmente sendo útil para evitar possível ingresso de profissionais frustrados nas escolas.

- Pelas contribuições do Programa, já apontadas, como a aproximação universidade e escola pública, valorização do conhecimento produzido na escola, oportunidade de imersão dos licenciandos nas escolas, com acompanhamento de professores da universidade e da escola, atuando em parceria, o que tem levado a uma revisão dos cursos de licenciatura, pode-se afirmar que os propósitos do Programa vêm sendo alcançados. Mas para que seus efeitos se tornem perenes, é preciso que o Programa se torne uma política de Estado.

- Um aspecto que ainda poderia ser melhor trabalhado no Programa é a avaliação dos resultados, com monitoramento sistemático e tomada de decisão frente aos problemas encontrados. Outra medida importante seria uma articulação com as secretarias de educação, de modo a estimular a realização de concursos para a inserção dos pibidianos nas escolas, revertendo ao sistema público, os investimentos feitos. Também seria importante que as secretarias de educação, articuladas com o Programa, criassem incentivos na carreira. aos professores das escolas que se disponham a supervisionar licenciandos. Da parte das universidades, criar melhores condições para que os coordenadores de área (professores formadores) possam acompanhar adequadamente o licenciando na escola.

Concluo, afirmando que essa é uma das melhores políticas de formação inicial, que já tivemos nos últimos tempos, pois incorpora conhecimentos produzidos pelas pesquisas, que indicam: a necessidade de valorizar os conhecimentos produzidos nas escolas, articulando-os aos conhecimentos acadêmicos (ZEICHNER, 2010); formar profissionais críticos e criativos, que reflitam sobre suas práticas e desenvolvam um olhar investigativo sobre a prática profissional (ANDRÉ, 2016); possibilitar espaços de compartilhamento de saberes entre professores da universidade e da escola, e estudantes da licenciatura, constituindo grupos colaborativos (FIORENTINI, 2004; PASSOS, 2016) e favorecendo a aprendizagem da docência (MIZUKAMI, 2013).



Referências

ANDRÉ, M. Formar o professor pesquisador para um novo desenvolvimento profissional. In: ANDRÉ, M. (org.) *Práticas Inovadoras de Formação de Professores*. Campinas, SP, Papirus, p. 17-34, 2016.

FIORENTINI, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, M.C. e ARAÚJO, J.L. (orgs) *Pesquisa qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte, MG, Autêntica, p. 47-76, 2004.

GATTI, B.A. et. Al. Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). *Textos FCC*, v. 41. São Paulo, Fundação Carlos pagas, 2014, 114 p.

LUDKE, M. O lugar do Estágio na Formação de Professores. *Educação em Perspectiva*, v.4, n. 1. p. 11-133, 2013.

MIZUKAMI, M.G. N. Escola e desenvolvimento profissional da docência. In: GATTI, B.A. et al. *Por uma política nacional de formação de professores*. São Paulo, Editora UNESP, p. 23-54, 2013.

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. *Educação*, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 479-504, set./dez. 2010.

